



A "CAIXA DA VIDA" NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ENSINO DAS NOÇÕES DE TEMPO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Lucas Victor SILVA*
Vitória Hellen Tavares de ANDRADE**
Camila Alves da SILVA***

RESUMO:

Este relato de experiência busca refletir sobre a realização de atividade escolar lúdica que abordou o ensino do tempo em uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da rede municipal da cidade de Recife, Pernambuco. A atividade escolar em análise foi realizada em duas fases: inicialmente, usamos uma caixa contendo objetos variados utilizados em diferentes períodos da vida de uma criança; posteriormente, utilizamos quebra-cabeças que representavam a passagem do tempo. O objetivo da atividade era experimentar uma metodologia de ensino voltada para o desenvolvimento do pensamento histórico e da assunção dos estudantes como sujeitos da história e da produção do conhecimento histórico. Este texto foi produzido também mediante reflexão e avaliação da estratégia de ensino a partir dos referenciais teóricos do campo da História e da Educação.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História. Ensino Fundamental. Noções de tempo.

* lucasvictor.ufrpe@gmail.com
**vitoriamuller20@gmail.com.
***camilaalves3838@gmail.com

Introdução

O ensino das noções de tempo nas etapas iniciais do ensino fundamental se impõe como temática central no campo do Ensino de História. Inúmeros estudos apontam as dificuldades de compreensão de noções como as de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, por exemplo. A dificuldade se expressa também nos diálogos que temos com as crianças que usam frases como: “amanhã eu fui ao parque”, “ontem eu vou ao mercado com minha mãe” ou “depois de hoje” e “antes de hoje”.

Ao refletir sobre a complexidade do trabalhar com a temática, consideramos a necessidade de separar práticas tradicionais e trazer elementos do cotidiano infantil para ensinar o tempo. Acreditamos que é imprescindível ao docente trabalhar conjuntamente com os estudantes, percebendo suas dificuldades e preparando-os para a melhor compreensão e construção dessas noções (OLIVEIRA, 2010).

Também, é necessário perceber que o tempo é um conteúdo de duas categorias: conceitual e procedimental. Ou seja, o ensino das noções de tempo implica em dar condições para que os estudantes aprendam sobre as formas de organizar, dividir e marcar o tempo da nossa e das diferentes sociedades, bem como sobre uma maneira específica de pensar, pensar no tempo (OLIVEIRA, 2010).

Neste texto, empreendemos um relato de experiência sobre uma atividade escolar lúdica que abordou o ensino do tempo em uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da rede municipal da cidade de Recife, Pernambuco. A instituição é campo de estágio do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco e, neste caso, campo desta intervenção.

A atividade sobre a qual nos dispomos a refletir fez parte dos requisitos parciais para a conclusão da disciplina "Planejamento Educacional, Pesquisa e Extensão III" (PEPE III), presente na matriz curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Este componente curricular obrigatório, segundo o Projeto Político Pedagógico Curricular (PPPC) do curso de Pedagogia, está inserido no eixo formativo destinado à prática da pesquisa a ser vivenciado pelos licenciandos e licenciandas, que propõe:

A elaboração de experiências práticas e integrativas no Curso de Pedagogia tem uma inclinação voltada para a interdisciplinaridade e para a pesquisa escolar/ educacional numa visão sociointeracionista que perpassa horizontal e verticalmente os demais componentes curriculares. Nesse sentido, investe-se na produção de conhecimentos através da elaboração e da concretização de projetos e ações de pesquisa qualitativa (2010, p. 33).

Neste eixo, as oito disciplinas do PEPE, que estão presentes durante todo o curso (desde o primeiro até o último semestres), são definidas como um conjunto de componentes de natureza teórico-prática que devem promover “a interface entre teoria e prática e a inserção dos conhecimentos teóricos nos contextos de realidade circundantes” (2010, p. 33). Cada uma das disciplinas possui um objetivo específico, sendo as duas primeiras voltadas à observação e exploração do espaço escolar, a quarta e a quinta promovendo o conhecer dos instrumentos de pesquisa e a construção do projeto de pesquisa que culminará na monografia, e, por fim, a partir da sexta à oitava, volta-se à atenção, inteiramente, à sua elaboração e finalização para apresentação. O PEPE III, em especial, propõe conduzir o estudante de pedagogia ao chão da escola, experienciando a docência na prática, a partir da identificação de um problema e, por meio deste, a elaboração de um plano de aula que atenda à resolução específica deste desafio. Busca-se uma formação que possibilite que aprendizes da docência aprendam a agir na prática, tendo a reflexão como agente de transformação. Como afirma Silva (1995, p.19):

Identificar pesquisa e ensino significa preservar o rigor da produção de saber, próprio à primeira, e o compromisso da sua presença na cena social, ampliada e sob controle de seus agentes, inerente ao segundo,

pensando numa síntese desses atributos. Nesse sentido, há reciprocidade na aliança (ensino e pesquisa se iluminam, ampliam e se superam simultaneamente) e garantia de que os atos de pesquisar e ensinar continuam a se questionar permanentemente em busca de novos horizontes na produção de saberes.

Observa-se, na proposta formativa da UFRPE, a valorização da relação da teoria que é aprendida na universidade, com a práxis que é vivenciada e desenvolvida na escola. O componente curricular PEPE III é fundamental para o desenvolvimento da formação da identidade docente dos estudantes de pedagogia, pois como afirma Paulo Freire:

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (1991, p. 58).

A definição da temática das noções de tempo para esta intervenção específica foi justificada pelo relato da professora supervisora do Estágio que percebia muitas dificuldades na aprendizagem da turma nos momentos em que protagonizava, a partir apenas de atividades de leitura e memorização, o trabalho didático com esses conteúdos específicos.

Diversos pesquisadores e autores como Marlene Cainelli (2010), Itamar Freitas (2010) e Elison Paim (2010) têm observado o ensino de História na cultura escolar contemporânea, baseando-se, em grande medida, em cópia e reprodução do livro didático e da narrativa docente. Esta prática docente leva os alunos a encarar a História como algo "acabado", "pronto" ou como a matéria para "memorizar datas". Entendendo a necessidade de procurar caminhos alternativos, procuramos construir estratégias didáticas que considerassem o cotidiano da criança e seus interesses e que priorizassem o desenvolvimento do pensamento histórico como sugere Cainelli (2010, p. 29):

Precisamos encontrar formas de ensiná-los, desde o começo, que iniciem o processo com eles e seus interesses, que envolvam uma aprendizagem ativa e desenvolvimento do pensamento histórico, mesmo que embrionário, de maneira crescentemente complexa.

Cainelli (2010) defende que o desenvolvimento do pensamento histórico precisa ser objeto do ensino de História desde os anos iniciais do ensino fundamental,

articulando a carga cultural da criança com formas lúdicas para passar o conhecimento. O pensar histórico implica em pensar o tempo (o conceito, as maneiras de medir e organizar o tempo, por exemplo) e de pensar no tempo (considerar as mudanças que o tempo provoca nas coisas e nas gentes e considerar que as sociedades pensam o tempo de formas diferentes no tempo e no espaço, ou seja, aquilo que François Hartog (2013) chamou de “regimes de historicidade”).

Aprender a pensar historicamente implica em pensar em e com noções temporais. Devem ser apresentadas às crianças as noções temporais para que possam entender mais do que as mudanças que lhes ocorrem e que ocorreram ao seu redor. Esse é um valor incontornável da história escolar como nos alerta o pesquisador Itamar Freitas (2010, p. 28)

Deve-se saber o valor do passado em sua vida. O passado está presente, mesmo no tempo que consideramos presente. O passado nos invade e constitui nossa identidade.

Os antigos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) já chamavam a atenção para o ensino das noções de passado e presente como um dos objetivos de aprendizagem para os alunos do 1º ciclo dos anos iniciais e para a centralidade do professor como mediador dessas aprendizagens (BRASIL, 1998).

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) também traz ao primeiro ano dos anos iniciais o objeto de aprendizagem relativo às primeiras noções de tempo a serem trabalhadas: “as fases da vida e a ideia de temporalidade (passado, presente, futuro)” (2018, p.404). Há habilidades relacionadas a serem desenvolvidas pelos alunos dos 1º e 2º anos específicas sobre a temática do tempo:

(EF01HI05) Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras atuais e de outras épocas e lugares. [...]

(EF02HI06) Identificar e organizar, temporalmente, fatos da vida cotidiana, usando noções relacionadas ao tempo (antes, durante, ao mesmo tempo e depois).

(EF02HI07) Identificar e utilizar diferentes marcadores do tempo presentes na comunidade, como relógio e calendário (BRASIL, 2018, p. 405-407).

O professor, como mediador desse processo, deve buscar maneiras para lecionar História de uma forma habilidosa, como enfatiza Cainelli (2010, p. 25):

Fator importante no desenvolvimento do pensamento histórico estaria relacionado ao levantamento de hipóteses. E principalmente, não ensinar História como repetição mecânica, mas como experiências únicas e complexas que constituem a perspectiva de um ensino consciente em História.

É justamente entendendo a importância das primeiras formas de aprendizado das noções de tempo, expressada na historiografia especializada e no documento curricular oficial nacional, que a atividade, objeto deste relato de experiência, foi planejada. A partir de agora, procederemos à descrição do planejamento e da sua execução.

Conforme já comentamos, a turma alvo da intervenção cursava o primeiro ano do Ensino Fundamental em escola da rede municipal da cidade do Recife localizada no bairro da Iputinga. A escola oferece o ensino a partir do grupo 4 dos anos iniciais até o 5º ano do ensino fundamental I, nos turnos matutino e vespertino. No período da noite, é ofertada a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI).

Quanto aos seus recursos humanos, a escola, no momento da investigação, possuía treze professores, três seguranças, dois auxiliares de serviços gerais e três merendeiras. Quanto à estrutura física, a área da escola é constituída por 01 hall de entrada, 09 salas de aula, 01 biblioteca, 01 sala de professores, 10 banheiros (sendo que um deles adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida), 01 secretaria, 01 direção, 01 cozinha, 01 almoxarifado, 01 laboratório de informática (interditado devido à infiltração e problemas de eletricidade), 01 sala de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado (AEE) e uma quadra coberta.

A turma era composta por 22 estudantes com idades entre 6 e 7 anos, no entanto, havia apenas 12 presentes. O tempo de duração da atividade foi o de duas horas-aulas, ou seja, 1h20 minutos, segundo a cultura da rede em evidência. Traçamos, como objetivo maior da aula, a contribuição para a aprendizagem de noções de tempo: passado, presente, e futuro, bem como anterioridade, simultaneidade e posterioridade por meio de atividades lúdicas com objetos do cotidiano infantil. Para tanto, as crianças

precisariam ser capazes de durante e/ou ao final da aula: relacionar os conceitos de passado, presente e futuro com os objetos que serão apresentados; e empregar atividades em que a criança utilize os marcadores temporais da linguagem, como: antes, depois, fui, irei.

A intervenção aconteceu em 03 de julho de 2018 e foi precedida por uma aula da professora regente que utilizou da metodologia da aula expositiva para abordar introdutoriamente os conceitos de passado, presente e futuro durante 1h20. Nas semanas anteriores, a regente já havia trabalhado noções caras à compreensão do tempo, tais como: previsão do tempo, tempo cronológico e o passado, presente e futuro.

A sala de aula foi reorganizada e as cadeiras foram dispostas em círculo, visando um melhor contato visual e uma melhor comunicação das crianças entre si e conosco. Além disso, a disposição circular quebra com a tradicional arquitetura escolar e contribui para a construção de novas relações sociais na sala de aula e novas formas de aprender.

O início da exposição docente é marcado pela rememoração de conteúdos anteriores e pela explanação sobre o conceito e a função dos calendários e os conceitos de dia, mês e ano. A docente busca que os estudantes utilizem marcadores temporais da fala, ao demandar que respondam sobre acontecimentos do final de semana e do dia anterior à aula: “o que vocês fizeram ontem?”, “como foi o final de semana que passou?”, “amanhã haverá aula?”. As respostas indicaram o uso de verbos no passado tais como “ontem eu fui para o areal e sábado tem parque”, ou “ontem foi o jogo do Brasil”, ou ainda “o tempo está passando”. Continuando a conversação a professora questiona-os: “quando passar dezembro o que será?” e o aluno A, responde: “será 2019”. A professora indaga: “ficaremos mais novos ou mais velhos?” e todos respondem: “mais velhos”.

Passada a primeira fase da aula, realizamos 2 atividades com recursos lúdicos. Inicialmente, usamos uma caixa contendo objetos variados utilizados em diferentes períodos da vida de uma criança. Fizemos uma roda de diálogo com os estudantes na qual apresentamos a “caixa da vida” que continha: 1 mamadeira, 1 copo de plástico, 1 copo de vidro; 1 macacão de recém-nascido, 1 vestido infantil, 1 vestido feminino adulto; 1 sapato

de recém nascido, 1 sandália infantil, 1 sapatilha feminina adulta. Conforme observamos, são objetos que a criança utilizou, utiliza e/ou utilizará em sua vida. Os objetos são retirados da "caixa da vida" e as crianças são demandadas a nomeá-los e a responder questões sobre quando os usaram ou usarão, ou quem os utiliza, se bebês, crianças ou adultos ou, ainda, se vão utilizar no futuro.

Ao longo da apresentação dos objetos, estes são dispostos em uma linha do tempo. Os estudantes e professores organizam a linha do tempo em função do tempo dos usos de cada objeto: os de uso da época em que eram bebês sendo seguidos os que usaram quando se tornaram crianças, os que usam atualmente e por fim os que usarão. Durante a atividade, os estudantes usam os marcadores temporais da linguagem referentes ao passado, presente e futuro como verbos e palavras como ontem, hoje, antigamente, amanhã, dentre outras.

A segunda atividade da intervenção implicou na divisão da turma em 4 grupos demandados a montar um dos 4 quebra-cabeças (de 4 peças cada) cujas imagens marcavam a passagem do tempo: imagens seguidas representando as fases de construção de automóvel; desenhos de uma vela sendo consumida pelo fogo; a sequência tarde, noite, madrugada e manhã; e representação de uma vitamina sendo feita no liquidificador. Após a montagem, cada grupo é chamado a contar uma narrativa a partir das imagens formadas pelo quebra cabeça. Os alunos deverão naturalmente usar as noções abordadas durante os momentos anteriores da intervenção.

Durante toda a intervenção, observamos a utilização destas palavras, noções e formas de pensar o e no tempo. Tais usos, acreditamos, demonstram justamente a aprendizagem das crianças. Também, percebemos a adesão entusiástica dos discentes à atividade.

Ao longo da atividade, registramos o uso de expressões, frases e verbos indicativos da aprendizagem de noções de tempo. É o que percebemos quando a criança A, depois que nos escutou falar sobre os avós como pessoas mais velhas da família, falou "a gente também vai ser", o que significa uma apropriação (cuja complexidade não podemos

avaliar aqui) do tempo futuro e da ideia de progressão etária. Em outra oportunidade, quando apresentamos a roupa do bebê como elemento da caixa da vida, a criança B afirmou "a gente usava", o que denota uma apropriação, mesmo que possivelmente limitada da noção de passado, de anterioridade. Um terceiro exemplo a ser discutido diz respeito ao momento da apresentação de um quebra-cabeça cuja imagem das peças montadas representava a sucessão das fases do dia: manhã, tarde e noite. A criança C identificou as imagens e falou: "de dia, de tarde e de noite". E depois mencionou as atividades por ele realizadas, criando uma narrativa que revelava uma possível apropriação da ideia de sucessão. Outra fala que emergiu durante a atividade denota um uso da noção de presente comum nesta faixa etária em tela. Durante a apresentação dos tipos de copos usados por bebês e crianças de diferentes idades, quando apresentamos o copo de plástico, a criança D reconheceu e usou a noção de simultaneidade: "esse é o que usamos".

A atividade com a "Caixa da vida" e com os "quebra-cabeças" representaram um esforço de desenvolvimento do pensamento histórico em turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir de uma abordagem comprometida com a promoção da criança como um sujeito da própria história, uma vez que sua existência e a dos colegas puderam ser percebidas em objetos da cultura material. As noções de anterioridade, posterioridade e simultaneidade foram apresentadas, articuladas a objetivos de diferentes fases da infância em comum. Neste sentido, os objetos funcionaram como documentos históricos dos primeiros anos da infância. A atividade de leitura e interpretação destes elementos da cultura material infantil possibilitou o exercício da investigação e da produção de conhecimento histórico escolar mesmo em uma etapa da escolarização em que as noções de tempo mais complexas ainda não estão, de um modo geral, consolidadas. A atividade, neste sentido, buscou justamente o desenvolvimento do pensamento histórico e da capacidade dos estudantes se reconhecerem também como sujeitos da produção do conhecimento histórico (FONSECA, 2003).

Referências

BITTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental). São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** História e Geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

CAINELLI, Marlene. O que se ensina e o que se aprende em História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). **História:** ensino fundamental. Brasília, Ministério da Educação, 2010. (Coleção explorando o ensino).

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História.** Campinas: Papyrus, 2003.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

FREITAS, Itamar. História, Passado, Vida e Relato. In: _____. **Fundamentos teórico-metodológicos para o ensino de História (anos iniciais).** Aracaju: UFS, 2010.

HARTOG, F. **Regimes de historicidade.** Belo Horizonte, Autêntica, 2013.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. Os tempos que a História tem. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). **História:** ensino fundamental. Brasília, Ministério da Educação, 2010. (Coleção Explorando o Ensino).

SILVA, M. A. **História:** o ensino em prazer e pesquisa. São Paulo: Brasiliense, 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. **Projeto Político Pedagógico Curricular:** Curso de graduação Licenciatura em Pedagogia. Recife, 2010.